



O SABER (CIENTÍFICO) NA ERA INFORMÁTICA

Giuseppa Spenillo

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: O deslocamento acelerado do espaço do saber nas sociedades informatizadas, a partir do uso de tecnologias de comunicação e informação em larga escala (midiática ou digital) traz como desafio uma reelaboração na própria construção do saber, nos formatos que adquire e, ainda, nas relações sociais entorno deste saber. Trabalhamos, a seguir, aspectos gerais do saber e aspectos específicos da formulação científica do conhecimento nesta era tecnológica, tomando como referenciais o pensamento de Pierre Lévy e de Jean-François Lyotard.

Palavras-chave: Comunicação Digital, Inteligência Coletiva, Saber.

Pode até parecer trivial, para nós hoje, a presença constante e insistente de recursos tecnológicos na organização da sociedade contemporânea. A dinâmica social a que nos acostumamos conta com o computador conectado à Internet, o microondas, a máquina de lavar roupas, o celular, a televisão, o caixa eletrônico para transações financeiras, o pager, o fax, o palm-top, a cafeteira... Rodeados de aparelhos que substituem ou aceleram nossas ações, imprimimos, no mais das vezes distraidamente, uma nova lógica para o meio ambiente sociocultural em que nos encontramos. E alteramos além do estilo de vida, as características e expectativas do convívio social; as formas e momentos de comunicação, as relações intelectuais na produção e circulação do saber; a própria compreensão de mundo.

Estas alterações incorporadas ao cotidiano graças à larga adaptabilidade da espécie humana, constituem, de fato, rupturas profundamente sentidas do ponto de vista da história moderna. A modernidade, primado da ciência e do saber científico (prova/contraprova, argumentação/contra-argumentação, investigação sobre fatos), oferece ao mundo - ocidental, especialmente - uma lógica formal de transmissão do saber, enquanto conhecimento acumulado, ao longo de etapas subsequentes promovidas por instituições específicas, as escolas e universidades (o que transmitir, a quem transmitir). O alicerce desta forma de



transmissão do saber está numa outra lógica formal: a de estruturação e legitimação do saber num cenário paradigmático rígido e coeso (como construí-lo e como validá-lo).

Pois bem, ambas as lógicas, de transmissão e de estruturação, empregadas socialmente sobre o saber, defrontam-se, hoje, com novas lógicas trazidas pelos recursos tecnológicos disponíveis e já utilizados em larga escala nas sociedades contemporâneas. Como promover, elaborar, circular o saber num mundo informatizado parece ser, atualmente, o desafio maior que se coloca para a Ciência. Quais os instrumentos para apreensão e compreensão destas novas realidades? Quais os referenciais para construção de análises científicas? Quais os conteúdos relevantes? Quais metodologias de ensino-aprendizagem? E até: qual o estatuto do saber e da ciência num mundo veloz, informático e descartável?

No mundo digital, tornado viável em nossas sociedades informatizadas, o saber toma novas roupagens, novas condições de materialização e apreensão, por conta mesmo da fluidez, imanente ao digital, por sua transitoriedade, mutabilidade, descartabilidade. São características revolucionárias na relação com o saber (pessoal, social), na medida em que desloca-se para um outro suporte, não rígido, não estanque, não fisicamente limitado.

Os paradigmas teórico-metodológicos, níveis epistemológicos, formatos de organização do saber científico, estão ligados a etapas, espaços da história da humanidade. Estes espaços, chamados de antropológicos por Lévy, são mundos vivos, são estruturantes e contêm processos e interações entre seus sujeitos. Interações continuamente alicerçadas por sistemas de linguagem compartilhados tanto universalmente como restritamente por determinados grupos.

"As línguas, as linguagens e os sistemas de signos induzem nossos funcionamentos intelectuais: as comunidades que os forjaram e fizeram evoluir lentamente pensam dentro de nós. Nossa inteligência possui uma dimensão coletiva considerável porque somos seres de linguagem."¹

A arrumação paradigmática do saber científico (linguagem específica de um espaço erudito), construída nos séculos XIX e XX, sustenta-se sobre visões de mundo antagônicas, opostas e absolutizantes (verdadeiro X falso). Produziu-se, assim, grandes verdades ou certezas e incertezas para explicar todo tipo de fenômeno: discursos, teorias, metarrelatos,

¹ LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*, p. 98.



como aponta Lyotard. No entanto, o mesmo Lyotard questiona a capacidade destas teorias e paradigmas para explicar a realidade atual: multifacetada, tecnológica, descartável, veloz.

"Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura pós-moderna, a questão da legitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é conferido: relato especulativo, relato da emancipação."²

A presença de produtos tecnológicos em áreas como comunicação, lazer e esporte, informação, comercialização, ensino-aprendizagem e até no consumo (dentre tantas outras) traz para a relação sociocognitiva do indivíduo com seu meio novas e instigantes questões acerca do saber, tais como: competência, legitimação, temporalidade educacional, relação professor-aluno-tecnologias, memória e armazenamento de dados, tecnologias intelectuais, formação para o trabalho...

Procuramos, a seguir, compreender algumas destas questões a partir do pensamento de dois autores já reconhecidos na discussão acerca da era tecnológica: PIERRE LÉVY E JEAN-FRANÇOIS LYOTARD.

Lévy, autor francês contemporâneo, trabalha questões de teor cultural (em diversos sentidos) frente à revolução tecnológica que se vive na virada para o século XXI. O que esperávamos para o ano 2000? O que fantasiávamos (individual e coletivamente)? Onde chegamos? Em quais condições? Em *Cibercultura* (1999), terceiro livro de uma trilogia que conta, ainda, com *As tecnologias da inteligência* (1993) e *O que é o virtual?* (1996), o autor propõe pensar a cibercultura, ou a cultura construída num ambiente tecnológico-informacional, sem preconceitos e com objetivos humanistas:

“Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural.

² LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro : José Olympio, 2000, p. 69.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.”³

Pierre Lévy estuda a era tecnológica a partir de vários aspectos: a linguagem; a infraestrutura física; os programas; o desenvolvimento histórico dos equipamentos (hardware e software) de suporte tecnológico; o espaço e os usos da informática na sociedade; as transformações ocorridas nas esferas sociais, culturais, artísticas, estéticas, do saber e da comunicação, numa tentativa de compreendê-los enquanto *possibilidades* para o ser humano. Lévy considera modelos educacionais já existentes, como a educação à distância (EAD) e a aprendizagem aberta, para argumentar acerca da organização do saber, num suporte digital, em torno de grupos de interesse (em oposição àqueles de poder ou institucionais), numa permanente busca de renovação do conhecimento e de construção de novos saberes.

“Aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real... esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber.”⁴

Lyotard discute as bases do saber numa sociedade (pós-moderna) iminentemente comunicativa, considerando os deslocamentos deste saber, abordando as "instituições contemporâneas do saber". Após revisão, em que tenta-se neutro, sobre o paradigma funcionalista e a escola crítica quanto à educação e à comunicação, Lyotard dispensa esta divisão paradigmática como fundamento de explicação para as relações sociais, considerando que pertencem (ambos os modelos) a uma sociedade (moderna) que já não existe.

O autor propõe, então, um estudo dos jogos de linguagem e uma teoria dos jogos, mais propícia, segundo ele, do que a teoria da comunicação para a compreensão das relações sociais subtraídas de grandes relatos (metarrelatos). Se não existe uma verdade primeira, uma certeza agregadora para o desenvolvimento da ciência, um sentido denotativo compartilhado por todos, mas antes uma sucessão de argumentações e contraprovas, como lhe permite a

³ LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo : Editora 34, 1999, p. 12.

razão comunicativa⁵, então é na linguagem (esta, sim, compartilhada) que reside a legitimidade, a aceitação de um discurso/relato, o consenso ainda que temporário. Logo, é o desempenho do propositor no uso da linguagem que garante, ou não, a legitimação do conhecimento científico. O que, para Lyotard, configura, então, um jogo social em que os atores estariam menos interessados em comunicar e mais em disputar a legitimidade de *seu* conhecimento ou saber através de uma *performance*.

“Daí, duas propriedades notáveis deste saber: a flexibilidade dos seus meios, isto é, a multiplicidade de suas linguagens; seu caráter de jogo pragmático, a aceitabilidade dos ‘lances’ que lhe são feitos (a introdução de novas proposições) dependendo de um contrato realizado entre os participantes. Daí também a diferença entre dois tipos de ‘progresso’ no saber: um, correspondendo a um novo lance (nova argumentação) no quadro das regras estabelecidas, o segundo à invenção de novas regras e, assim, a uma mudança de jogo.”⁶

Em Lévy, a questão do saber na era pós-moderna aparece como uma projeção ou decorrência das ações humanas em relação à elaboração tecnológica, à construção de um meio ambiente técnico-científico. O autor considera o elemento tecnológico no plural: *as técnicas*. Portanto, não pode ser visto como uma entidade nem compreendido em unidade, como um todo homogêneo. As técnicas são constituídas pelo uso, reutilização, desvio, interpretação, montagens que fazem delas os coletivos. Neste sentido, os objetos são portadores de inteligência, uma vez que:

- ✓ são resultado do trabalho e do empenho de grupos de pessoas;
- ✓ são usados, empregados por pessoas (grupos ou indivíduos);
- ✓ constituem uma etapa, um momento na cultura de um grupo (coletivo);

⁴ Id. Ibid., p. 177.

⁵ Conceito surgido em HABERMAS, a razão comunicativa, faculdade inerente ao ser humano, elabora e/ou utiliza procedimentos através dos quais se debatem as pretensões de validade no campo da verdade factual, da justiça normativa e da veracidade subjetiva. Ver HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984.

⁶ LYOTARD, J. Op. Cit., p. 79.



- ✓ fazem parte de redes de pensamento e comunicação, servindo como interfaces;
- ✓ conformam um "meio ambiente sociotécnico" que permite ao homem exercer as qualidades racionais da dedução, da indução, da probabilidade e da estatística (lógicas); ou seja, apresentam-se como tecnologias da inteligência;
- ✓ estão nos processos relacionais entre *sujeitos/objetos* que ocasionam a cognição.⁷

Em *As tecnologias da inteligência*, Pierre Lévy lança abordagem desmistificadora da técnica, da tecnologia, considerando-as enquanto produto cultural (resultado de ações dos grupos/ coletivos humanos). Mantém uma postura pró tecnologias, no sentido de reconhecer nestas tecnologias da informática (especialmente o digital) uma gama de novas oportunidades para a humanidade – neste momento trabalha com ênfase sobre as tecnologias do saber. Para tanto, detém-se nas condições e qualidades da memória humana, analisando-a dentro dos “três tempos do espírito”: a oralidade primária, a escrita, a informática.

Elabora uma interessante interpretação quanto às rupturas que as tecnologias do saber (palavra, escrita, digital, informática) produzem sobre a história, os comportamentos individuais e sociais, o cotidiano. O saber é entendido enquanto acervo público do conhecimento, passível de ser intercambiado, colocado em uso, aplicado pelos indivíduos e grupos sociais. Lévy explora alguns temas como a memória (de curta e de longa duração), a consciência, a razão, a metafísica, a tecnociência e o faz para:

- argumentar quanto à relevância dos objetos num ambiente cultural “inteligente”;
- desmistificar a relação sujeito-objeto;
- relativizar a capacidade racional dos seres humanos;
- analisar (e enaltecer) a presença das interfaces numa dada sociedade;
- propor uma ecologia cognitiva, em que todos os elementos presentes no meio cultural (vivos ou não, pequenas ou grandes, indivíduos ou instituições, centrais ou periféricos) estejam considerados em sua participação nos processos de *inteligência coletiva*.

⁷ Ver LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência* – o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro : Editora 34, 1993.

“Quanto valeria um pensamento que nunca fosse transformado por seu objeto? Talvez escutando as *coisas*, os sonhos que as precedem, os delicados mecanismos que as animam, as utopias que elas trazem atrás de si, possamos aproximar-nos ao mesmo tempo dos seres que as produzem, usam e trocam, tecendo assim o coletivo misto, impuro, sujeito-objeto que forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e todo pensamento.”⁸

Em *A Inteligência Coletiva* (1998), Lévy estabelece a história da humanidade em quatro espaços antropológicos sobre os quais os sujeitos e as sociedades transitam. Estes espaços antropológicos não seriam rígidos, progressivos, hierárquicos ou absolutos. Estariam coexistindo simultaneamente e um dentre eles tornar-se-ia evidente em momentos históricos específicos. TERRA, TERRITÓRIO, MERCADORIA, SABER.

As sociedades contemporâneas teriam já experiência ou vivência nos espaços da Terra, do Território e da Mercadoria. A tecnologia digital traz a possibilidade de se entrar no espaço do Saber, em que a figura central, sujeito do conhecimento, é toda a humanidade, organizada em *coletivos inteligentes*. O saber se mostra, em Lévy, coletivo por essência, imanente ao intelectual coletivo (e não ao indivíduo), vivo [o sujeito é o que sabe] e implica numa construção recíproca da identidade e do conhecimento – por isso um espaço *antropológico*.

Para Lévy os coletivos inteligentes constituem-se a partir de grupos de interesse, interagem afetivamente, moldam-se e transformam-se de acordo com condições momentâneas do mundo vivido, não humano e principalmente humano; através delas [condições de existência]os indivíduos interferem mutuamente na vida da coletividade.

“E compreendemos assim por que coletivos humanos enquanto tais podem ser ditos inteligentes. Porque o psiquismo é, desde o início e por definição, coletivo: trata-se de uma multidão de signos-agentes em interação, carregados de valores, investindo com sua energia redes móveis e paisagens mutáveis

⁸ LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Op. Cit., p. 11 (grifos do autor).



Lévy propõe o surgimento de coletivos inteligentes, a partir de um novo prisma, ao abordar a conformação de uma nova cultura (cibercultura), construída no seu ciberespaço. O autor sugere a formação de um “universal não totalizante” permitido pela tecnologia digital⁹ e pela World Wide Web¹⁰. Assim, Lévy considera comunicação, no sentido interativo da palavra, toda a permanência no ciberespaço. Acredita que a forma telemática e digital oferece ao Homem aquilo que outros recursos (o telefone, a escrita, o livro, a televisão, a imprensa) construídos ao longo da história ofereceram: a possibilidade de vencer os obstáculos do tempo e do espaço, trocando conhecimento e armazenando-o para gerações futuras, ou momentos futuros. No entanto, no entender de Lévy o ciberespaço acrescenta vantagens aos indivíduos e às sociedades no sentido de colocar toda informação à disposição de todos nas redes digitais de computadores (universal) sem centralizar e sem sacralizar estas informações (não totalizante).

O saber construído no ciberespaço, então, é mutante, permanentemente em processo, permitindo a interação com ele próprio e os demais envolvidos. Isto graças às ferramentas de comunicação acessíveis a um número sempre crescente de usuários. Eis o que Lévy denomina de Inteligência Coletiva:

“A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou que sou inteligente, mas ‘eu’ com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais...”¹¹

A Inteligência Coletiva, então, considera as individualidades, as competências pessoais, os interesses de cada um para desenvolver estas competências, estabelecendo-se em comunidades mutáveis e cujo elo principal não é a localização espacial. Ela pode manifestar-

⁹ “Em relação às técnicas anteriores de ajuda à leitura, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue os instrumentos de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, deslocando volumes pesados, percorrendo a biblioteca. Agora é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor.” LÉVY, P. *Cibercultura*. Op. Cit., p. 56.

¹⁰ “De forma simplificada, a Web pode ser descrita como um sistema de hipermídia para a recuperação de informações através da Internet. Na Web, tudo é representado como hipermídia (em formato HTML) e os documentos estão ligados através de links a outros documentos. A Web engloba seu próprio protocolo, HTTP, e também alguns protocolos anteriores, tais como FTP, *gopher* e Telnet.” COSTA, Carlos Irineu da. Glossário. In: LÉVY, P. *Cibercultura*. Op. Cit., p. 251-260 : 259 (grifo do autor).



se momentaneamente ou de forma duradoura. A inteligência coletiva comporta vários suportes, desde a memória humana até as redes digitais de comunicação, e, no espaço do Saber adquire nas dinâmicas, novas linguagens, novas significações; rompe com as estruturas epistemológicas da fenomenologia e dos paradigmas, para colocar-se como um *continuum* na prática social e como infinito vir a ser.

Lyotard considera a sociedade informática, pós-moderna a partir do desaparecimento dos metarrelatos (ideologias, convicções, certezas) – orientações que serviam para guiar os grupos humanos e resolver diversas questões sociopolíticas, como na conhecida oposição entre capitalismo e socialismo. Estes metarrelatos estariam perdidos para a fragmentação da vida cultural e social, por conta de uma progressiva deslegitimação do saber, em suas duas grandes versões:

- 1) Política ⇒ O sujeito do saber é a humanidade; logo, todos têm direito à ciência;
- 2) Filosófica ⇒ Formação espiritual e moral dos escolhidos.

A versão filosófica de legitimação do saber teve maior aplicação nas universidades, até a orientação prevalecente passar a ser a formação profissional; enquanto que a versão política foi mais atuante nas escolas de educação primária. Por que as sociedades e os indivíduos não nutrem mais expectativas em torno de um saber legitimado por um metarrelato (escola, universidade)?

"Originalmente, a ciência entra em conflito com os relatos. Do ponto de vista de seus próprios critérios, a maior parte destes últimos revelam-se como fábulas. Mas, na medida em que não se limite a enunciar regularidades úteis e que busque o verdadeiro, deve legitimar suas regras de jogo. Assim, exerce sobre seu próprio estatuto um discurso de legitimação, chamado filosofia. Quando este metadiscurso recorre explicitamente a algum grande relato, como a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional ou trabalhador, o desenvolvimento da riqueza, decide-se chamar 'moderna' a ciência que a isto se refere para se legitimar."¹²

¹¹ LÉVY. *As tecnologias da inteligência*. Op. Cit., p. 135.

¹² LYOTARD, J. Op. Cit., p. XV : Introdução.

A fragmentação do cotidiano, desde o desmembramento da razão em esferas de valor [CIÊNCIA, ARTE, MORAL] até a exaustiva especialização e minimalização do conhecimento produzido (pesquisa) e transmitido (ensino), leva a uma perda do sentido de universal na busca pelo saber – irremediável, para Lyotard, uma vez que não haveria uma nova linguagem legitimizante. “O princípio de uma metalinguagem universal é substituído pelo da pluralidade de sistemas formais e axiomáticos capazes de argumentar enunciados denotativos, sendo estes sistemas descritos numa metalíngua universal mas não consistente.”¹³

Lyotard levanta a questão das *competências* não no sentido de Pierre Lévy, que as entende como qualidades pessoais que devem ser socialmente valorizadas. Para Lyotard as competências respondem à demanda específica de determinado grupo em determinado momento [necessidade de internautas, por exemplo] e, portanto, não são nem serão uma qualificação criativa e/ou discursiva de um sujeito (indivíduo ou grupo).

Do ponto de vista do indivíduo, o foco do saber colocado sobre as competências encontra divergências inconciliáveis entre os dois autores: para Lévy tratar o saber enquanto competência revela um avanço na compreensão do tecnológico no meio sociocognitivo, pois valoriza o indivíduo frente às técnicas, aos objetos e às instituições sociais; para Lyotard, a discussão em torno das competências traz um retrocesso na formação do indivíduo, pois valoriza o poder e o mercado instituídos (agenciadores de quais competências seriam relevantes).

Em Lyotard, a narrativa e o relato tomam proporções de grandeza na compreensão do saber, especialmente em sua construção científica – que exige legitimidade. Saber distingui-se de conhecimento e de ciência. Para o autor, por saber:

“...não se entende apenas, é claro, um conjunto de enunciados denotativos; a ele misturam-se as idéias de saber-fazer, de saber-viver, de saber-escutar, etc. Trata-se então de uma competência que excede a determinação e a aplicação do critério único de verdade, e que se estende às determinações e aplicações dos critérios de eficiência (qualificação técnica), de justiça e/ou felicidade (sabedoria

¹³ Id. Ibid., p. 79.



ética), de beleza sonora, cromática (sensibilidade auditiva, visual),
etc.”¹⁴

Conhecimento seria, então “conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos, excluindo-se todos os outros enunciados, e susceptíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos”¹⁵. E Ciência, um “subconjunto do conhecimento. (...) imporá duas condições suplementares à sua aceitabilidade: que os objetos aos quais eles se referem sejam acessíveis recursivamente (...); que se possa decidir se cada um destes enunciados pertence ou não pertence à linguagem considerada como pertinente pelos experts”¹⁶.

"Simplificando ao extremo, considera-se 'pós-moderna' a incredulidade em relação aos metarrelatos. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. Cada um de nós vive em muitas destas encruzilhadas. Não formamos combinações de linguagem necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formadas não são necessariamente comunicáveis.”¹⁷

Lyotard considera as alterações trazidas pelo tecnológico-informacional para a relação pedagógica professor-aluno como uma transformação definitiva quanto ao tratamento dos conteúdos no processo de ensino-aprendizagem. Manejar os instrumentos tecnológicos passaria a ser o *único conteúdo transmissível*, uma vez que todo conhecimento acumulado estaria disponível nos bancos de dados e nas redes de computadores.

Esta seria a condição pós-moderna do saber em nossas sociedades informatizadas: multifacetado, plural, anônimo, frio, virtualmente acessível a todos, tecnologicamente

¹⁴ Id. Ibid., p. 36.

¹⁵ Id. Ibid., p. 35.

¹⁶ Id. Ibid., p. 35.



mediatizado. Não ideológico, não legitimado, e, logo, não convincente, senão enquanto técnica e desempenho, para Jean-François Lyotard. Vivo, em construção, universal, não totalizante, coletivo, para Pierre Lévy.

Para chegarmos a uma situação de partilha, criação, elaboração em torno da comunicação e do saber pelos coletivos sociais há uma extensa trilha a se percorrer. Desde a exclusão social até as tolerâncias étnicas e religiosas, desde a disponibilidade de recursos tecnológicos propiciadores da nova comunicação e da nova educação até a construção de um estado coletivo hospitaleiro (a partir das inúmeras individualidades) de disponibilidade para o novo, desconhecido, incerto talvez. A hospitalidade, capacidade de receber e acolher um estranho, um outro que não me diz respeito senão enquanto um igual, perde-se nas sociedades contemporâneas em que tudo parece ameaçador. Não a ameaça da violência urbana, da imensidão das metrópoles ou da solidão, do isolamento. É uma ameaça que se torna vital, que ocupa e preenche os sentidos, que não nos permite ceder um lugar, ser cortês, caminhar despressadamente, conversar, sorrir. A ameaça está no próprio estilo de vida fundamentado na disputa pelo ter – não para a sobrevivência física, mas psicológica. Ela traz a inhospitalidade, a fuga de qualquer pacto (por mais passageiro) com o outro, de modo a não se deixar reconhecer condições e relações sociais indesejáveis – minorias, excluídos, subalternos¹⁸. O digital vem oferecer uma *desconhecida* possibilidade de resgate da hospitalidade, aceitação, inclusão do não eu. Questões centrais, incômodas em vários sentidos (político, econômico, pessoal, cognitivo), seculares e extremamente atuais, locais e mundiais, tecnológicas e ambientais, colocam-se em meio à busca por uma *hospitalidade viabilizada pelas formas digitais de comunicação e de elaboração do saber*, em que a inclusão seja a lógica do convívio social.

¹⁷ Id. Ibid., p. XVI : Introdução (grifos do autor).

¹⁸ Ver BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*. 2. ed. Campinas : Papyrus, 1992.



Bibliografia

BAUDRILLARD, Jean. A transparência do mal. 2. ed. Campinas : Papirus, 1992.

DEMO, Pedro. Educação pelo avesso – assistência como direito e como problema. São Paulo : Cortez Editora, 2000.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1984.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro : Editora 34, 1993.

_____. O que é o virtual? São Paulo : Editora 34, 1996.

_____. Cibercultura. São Paulo : Editora 34, 1999.

_____. A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo : Edições Loyola, 1998.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro : José Olympio, 2000.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro : Editora 34, 1993.